

TRAJETÓRIAS TEXTUAIS, INDEXICALIDADE E RECONTEXTUALIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA*

(Textual trajectories, indexicality and resistance recontextualizations in the Movement of Landless Rural Workers)

Marco Antonio Lima do Bonfim¹
(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN)

Claudiana Nogueira de Alencar²
(Universidade Estadual do Ceará – UECE)

ABSTRACT

The purpose of this article is to explore the textual trajectories of speech acts related to the experiences of suffering and martyrdom within the Movement of the Landless Rural Workers as recontextualizations of resistance. To that end, we draw on Cultural Pragmatics (ALENCAR, 2013; 2014; 2015; BONFIM, 2011; 2016) and Linguistic Anthropology (BAUMAN BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2008; 2010; SILVERSTEIN, 2003). Based on data analysis, we argue that the entextualizations and recontextualizations carried out by the militants of the MST attest to the indexical nature of language, and to the idea that such practices of discourse transformation can be seen as one of the ways of constructing and exercising the pedagogy of hope (FREIRE, 1992).

Keywords: Cultural Pragmatics. Textual trajectories. MST. Recontextualizations of resistance.

RESUMO

O artigo propõe pensar as trajetórias textuais de atos de fala relacionados às experiências de sofrimento e martírio no interior do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra como recontextualizações de resistência. Para tanto, tivemos por base a Pragmática Cultural (ALENCAR, 2013; 2014; 2015; BONFIM, 2011; 2016) e a Linguística Antropológica estadunidense (BAUMAN BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2008; 2010; SILVERSTEIN, 2003). Com base na discussão dos dados, percebemos que as entextualizações e recontextualizações realizadas pelos militantes do MST atestam a propriedade indexical da linguagem, bem como a ideia de que tais práticas de transformação do discurso podem ser vistas enquanto uma das formas de se construir e exercer a pedagogia da esperança (FREIRE, 1992).

Palavras-chave: Pragmática Cultural. Trajetórias textuais. MST. Recontextualizações de resistência.

INTRODUÇÃO

Este estudo situa-se em uma proposta de desenvolvimento de uma Pragmática Cultural, um instrumental de trabalho para a pesquisa linguística que permita pensar as questões políticas,

* Gostaríamos de agradecer as/aos pareceristas anônimas/os de *Linguagem e Sociedade* pela atenção minuciosa e crítica a uma versão anterior deste artigo. As falhas que permanecerem são, no entanto, de nossa inteira responsabilidade.

¹ Professor de Linguística no Curso de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Mossoró. Doutor em Linguística Aplicada e professor colaborador do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará, campus Quixadá. Email: marcoamando@yahoo.com.br.

² Professora do Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada (PosLA) e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará- UECE, atuando, respectivamente, nas linhas de pesquisa Estudos Críticos da Linguagem e Educação, Trabalho e Movimentos sociais. E-mail: claunoc@gmail.com.

econômicas e sociais como próprias de nossas linguagens, de nossas formas de vida cotidiana (ALENCAR, 2013). A partir da percepção do lugar constitutivo da cultura na vida social, a pragmática cultural compreende “[...] que todo ato de fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação linguísticas. [sic]” (ALENCAR, 2013, p. 3).

Para esta pragmática “[...] os sujeitos [são compreendidos] como situados historicamente considerados como, ao mesmo tempo, singulares e sociais, capazes de intervir no mundo através de suas práticas nos diversos jogos de linguagem reais em que interagem [...]” (ALENCAR, 2013, p.3). Partindo, portanto, dessa visão pragmática de estudos da linguagem, propomos aqui pensar as trajetórias textuais de atos de fala relacionados às experiências de sofrimento e martírio no interior do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra como recontextualizações de resistência. Nossa tese reside na ideia de que os/as integrantes deste movimento social promovem (em seus jogos de linguagem) uma resignificação do sofrimento vivido por eles/as no contexto da luta por uma reforma agrária popular no Brasil, e que tal resignificação pode ser vista como uma forma de agência (ASAD, 2000) configurando-se em uma pedagogia da esperança (FREIRE, 1992).

Faz-se necessário mencionar que este estudo apresenta alguns dos resultados da pesquisa de doutoramento em Linguística Aplicada desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará por um dos autores, que teve como finalidade realizar uma etnografia das performances corpóreo-discursivas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Ceará. Portanto, os dados analisados neste artigo remetem a uma pesquisa de cunho etnográfico realizada no período de 2013 a 2015, em Fortaleza-Ceará, na qual foram entrevistadas/os dirigentes do MST-CE³, bem como registradas em vídeo e em diário de campo muitas das atividades de formação e de luta constituintes da identidade de Sem Terra militante neste movimento social⁴.

O texto está estruturado em três seções. Na primeira, realizamos um pequeno percurso indo da virada pragmática à Pragmática cultural. Na segunda, apresentamos a ideia de mobilidade textual apoiando-nos nos recentes estudos da Linguística Antropológica e apresentamos as categorias de análise selecionadas para este estudo, quais sejam, ato de fala, jogos de linguagem, indexicalidade, uso metapragmático da língua, trajetória de texto, entextualização e recontextualização. Na terceira e última, explicitamos, através da análise de trechos de uma entrevista com uma integrante do MST, como os sentidos acerca do sofrimento na luta pela terra configuram uma pragmática da dor.

³ Embora seja convencionado em pesquisas científicas o ato de preservar a anonimidade dos participantes em uma investigação, optamos por usar os nomes reais dos/as sujeitos entrevistados/as, pois os/as próprios/as militantes do MST observam isso como uma forma de visibilizar suas lutas.

⁴ Para mais detalhes, ver Bonfim (2016).

1 DA VIRADA PRAGMÁTICA À PRAGMÁTICA CULTURAL

A tese da linguagem como uma das maneiras de agir socialmente passou a ser defendida pelo campo da Pragmática linguística, que deslocou – no caso da Linguística – a visão de língua como um sistema hermético, homogêneo e abstrato, bem como um falante ideal apartado da sua realidade social, para uma perspectiva de língua em uso e, por conseguinte, de falante enquanto sujeito que faz coisas com/na linguagem.

Essa guinada se inicia primeiramente no campo da Filosofia entre o final do século XIX e início do XX, e, posteriormente, contagia as ciências sociais e, mais recentemente tem penetrado de forma mais incisiva, nos estudos linguísticos (Análises do discurso, Linguística Aplicada etc.). Para Ferreira (2007, p.38-39), na Filosofia, essa virada se caracterizou por um “[...] voltar-se da filosofia para questão da linguagem, uma ‘virada linguística’ que tem em Frege⁵ as suas primeiras sementes”. O autor afirma que, no entanto, será apenas a partir da filosofia analítica “[...] mais precisamente com Wittgenstein e Austin, que essa ‘virada’ ganha as formas de uma reviravolta no pensamento linguístico-filosófico ocidental” (FERREIRA, 2007, p. 38-39).

Com base, então, na ideia da “[...] linguagem como ação, como forma de atuação *sobre* o real e, portanto, de constituição do real e não meramente de representação ou correspondência com a realidade” (MARCONDES, 1990, p. 10), as demais ciências humanas (Filosofia, Antropologia, História, Ciências Sociais, Geografia etc.) perceberam que não havia mais como estudar a organização social da humanidade, a ação humana, sem se debruçarem sobre questões de uso linguístico, isto é, sobre questões concernentes ao campo da Pragmática, como: Quando dizer é fazer? O que faz com que nosso dizer possa fazer? Perguntas como estas motivaram os estudos sobre o funcionamento da linguagem ordinária desenvolvidos pelo filósofo J. L. Austin (1962), nas primeiras décadas do século XX.

Austin (1962) empreendeu uma reflexão sobre os enunciados performativos, enunciados que operam uma ação. Ao dizer algo, ou por consequência de dizer algo, nós não só dizemos este algo, mas, à medida que dizemos, praticamos algum tipo de ação social. Nosso ato de falar é uma forma de realizarmos ações. Ações que se manifestam na linguagem; por exemplo, ao gritar “Lutar, construir reforma agrária popular!” em uma Marcha do MST, os integrantes desse movimento social não estão apenas dizendo algo, mas praticando uma ação, de lutar pela reforma agrária.

⁵ Gottlob Frege (1848-1925) foi um matemático, lógico e filósofo alemão que trabalhou na fronteira entre a filosofia e a matemática. Sua obra mais conhecida e que teve grande influência na Semântica, por exemplo, foi "Sobre o sentido e a referência".

Para mostrar que ao dizer estamos sempre fazendo algo, Austin (1962) propôs o conceito de atos de fala. Sobre este conceito, Pinto (2009, p.50) nos esclarece que “[...] Atos de Fala é um conceito [...] para debater a realidade de ação da fala, ou seja, a relação entre o que se diz e o que se faz – ou, mais acuradamente, o fato de que se diz fazendo, ou se faz dizendo”. Dessa forma, adentramos na chamada teoria dos atos de fala,

Austin cria o ato de fala e o desdobra em três partes, em três atos simultâneos: um **ato locucionário**, que produz tanto os sons pertencentes a um vocabulário quanto a articulação entre a sintaxe e a semântica, lugar em que se dá a significação no sentido tradicional; um **ato ilocucionário**, que é o ato de realização de uma ação através de um enunciado [...] Por último, um **ato perlocucionário**, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor. (OTTONI, 1998, p. 35-36, grifos do autor).

Exemplificando, vejamos o enunciado “veneno na mesa, isso é um crime!” proferido por um dos militantes, em luta no dia da Marcha Nacional do MST, como parte da programação do 6º Congresso Nacional do MST, no dia 16 de fevereiro de 2014, em Brasília-DF. O dito é um ato locucionário; se por meio dessa expressão linguística, o *sem-terra* militante fizer uma denúncia, isso é o ato ilocucionário; e caso por meio desse dizer ele consiga alertar/convencer os presentes na Marcha, do malefício da agricultura que usa agrotóxico, isso é o ato perlocucionário. Note que “os três atos são realizados por meio da mesma expressão linguística, o que manifesta que não se trata de três atos distintos, mas de três dimensões do mesmo ato de fala” (OLIVEIRA, 2006, p.160).

Para que possamos praticar uma ação **na e através da** linguagem, Austin (1990, p.30) nos esclarece que além “[...] do proferimento das palavras chamadas performativas, muitas outras coisas em geral têm que ocorrer de modo adequado para podermos dizer que realizamos, com êxito, a nossa ação”, de tal modo que, para que os atos possam ser executados são necessárias certas condições sociais, uma vez que as ações são executadas à medida que seguem um conjunto de regras intersubjetivamente estabelecidas e aceitas pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem⁶.

Wittgenstein (1989), semelhante a Austin, partilha da ideia de que “[...] a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1989, p.28), ou seja, de que devemos encarar a linguagem sempre como ação, como um ato, no entanto, argumentamos que a visão de linguagem proposta pelo filósofo austríaco radicaliza o que Austin propôs, pois "ressalta o caráter

⁶ Pinto (2007, p.24), sintetiza bem as condições para a execução de um performativo. “São seis as condições para o funcionamento regular ou 'feliz' de um performativo, que podem ser traduzidas livremente como: A.1) a existência de procedimentos convencionais aceitos para enunciar certas palavras por certas pessoas em certas circunstâncias; A.2) pessoas e circunstâncias devem ser apropriadas para o procedimento invocado; B.1) o procedimento deve ser executado corretamente; B.2) e completamente; Γ.1) os procedimentos devem ser usados por pessoas com certos pensamentos ou sentimentos, ou intenção de conduta; Γ.2) e tais pessoas devem realmente conduzir-se de acordo com a conduta intencionada. (Austin 1976, p.14-15)”.

antropológico, formativo e agentivo da linguagem quando a define como uma forma de vida" (ALENCAR, 2015, p.142).

Segundo o *Dicionário Wittgenstein* de Hans-Johann Glock (1998, p.174), “uma forma de vida é uma formação cultural ou social, a totalidade das atividades comunitárias em que estão imersos os nossos jogos de linguagem”. Noutras palavras, a postura wittgensteiniana de linguagem sustenta que todos os nossos modos de emprego da linguagem ordinária (jogos de linguagem) estão imersos em formas de vida. Alencar (2015b, p.142) argumenta que "por meio do conceito de jogos de linguagem, o filósofo considera a linguagem como não circunscrita a apenas um domínio humano", mas que estes jogos estão entrelaçados aos diversos domínios, o que nos leva a entender que o olhar de Wittgenstein sobre a linguagem é um olhar que enfatiza o cultural imbricado ao linguístico.

Movida, portanto, por uma inquietação que contemple, nos processos de significação, uma dimensão mais cultural no sentido de pensar a linguagem enquanto uma práxis sociocultural considerando as astúcias (CERTEAU, 2012) mobilizadas pelos sujeitos que jogam os mais variados jogos de linguagem (ALENCAR, 2014) tem proposto análises pragmáticas que mobilizam as categorias de ato de fala, jogos de linguagem, entre outras deste campo, em uma pragmática em constante diálogo com a Linguística Antropológica (DURANTI, 1997), esta perspectiva tem sido nomeada como pragmática cultural.

A pragmática cultural é uma abordagem teórico-metodológica desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, especificamente na linha de pesquisa *Estudos Críticos da Linguagem*, “que procura entender o lugar da linguagem na constituição histórica de problemas sociais, políticos, econômico-culturais provenientes da lógica de violência do sistema mundo capitalista, colonial e patriarcal” (ALENCAR, 2015a, p.73). Este olhar sobre nossas práticas linguísticas se alinha a Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010; SILVA *et al.*, 2014), que pesquisa a linguagem enquanto ato de fala levando em conta, de forma integrada, todas as suas dimensões (sociais, culturais, econômicas e políticas).

De maneira geral, tem uma preocupação central com as relações entre cultura, linguagem e poder, daí o adjetivo “cultural”. Essa postura pragmática parte da percepção do lugar constitutivo da cultura na vida social e compreende “que todo ato de fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação linguísticas” (ALENCAR, 2013, p.3). Como se percebe, os conceitos de ato de fala e jogos de linguagem são utilizados nessa abordagem de maneira articulada e atrelada a investigações antropológicas.

Para realizar uma pesquisa linguística que permita pensar as questões políticas, econômicas e sociais como próprias de nossas linguagens, de nossas formas de vida cotidiana (ALENCAR, 2013), a Pragmática Cultural tem mobilizado também as categorias advindas da Linguística Antropológica a fim de enfatizar, nas análises linguísticas, a materialidade linguística menos como produto e mais como *processo* e, desse modo, para que, de fato, possamos ver a linguagem mais como modos de ação do que como representação de ações (Cf. ALENCAR, 2014, p.83-84).

2 MOBILIDADE TEXTUAL: ENTRE TRAJETÓRIAS E RECONTEXTUALIZAÇÕES DISCURSIVAS

Ao rediscutir formas de usar as categorias pragmáticas como ato de fala e jogos de linguagem, a Pragmática cultural radicaliza e amplia a tese da linguagem como ação e o faz através de uma “visada antropológica”, “descendo ao campo” (ALENCAR, 2014, p.82) através da articulação entre Pragmática e etnografia, para investigar a linguagem como processo, isso porque são nos processos linguísticos, na *circulação do ato de fala* que podemos visualizar formas de *agência dos sujeitos* em ação com/na linguagem. Nesse sentido, há toda uma literatura recente (AGHA, 2007; BAUMAN; BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2008; 2010; HANKS, 2008; SILVERSTEIN, 2003; POVINELLI, 2016) a respeito de pesquisas sobre a mobilidade textual dos discursos, publicações referentes à relação entre linguagem e globalização no mundo contemporâneo.

A maioria desses estudos utilizam categorias advindas da Linguística Antropológica, como trajetória textual, indexicalidade, entextualização, recontextualização, usos metapragmáticos da língua, superdiversidade, ideologias linguísticas, entre outras. A ideia central aqui é pensar as questões de circulação de textos e de discursos em contextos pluri ou multilíngues na contemporaneidade. No Brasil, alguns linguistas aplicados/as e pragmaticistas (ALMEIDA, 2014; BONFIM, 2016; SILVA, 2014; 2015; FABRÍCIO, 2013; 2014; SIGNORINI, 2008; 2013; MOITA LOPES, 2013; MELO; MOITA LOPES, 2014; PINTO, 2015; PINTO; AMARAL, 2016) vêm incorporando em suas análises esta preocupação com a mobilidade no estudo da linguagem, especificamente, em compreender os processos de transformação do discurso, bem como a atenção para um olhar, a um só tempo, voltado ao micro e ao macro contexto de circulação desses discursos.

Tais investigações têm demonstrado que ao interagirmos socialmente através de nossas práticas de linguagem estabelecemos, além de laços identitários, processos locais de negociação de sentidos que indexicalizam processos culturais mais amplos. O que significa que a nossa atuação linguística materializa aspectos situados relativos ao momento da interação e também elementos de uma ordenação social maior da qual esse momento situado faz parte.

Silverstein (2003) denominou esta ordenação social utilizando a categoria “ordem indexical”. De acordo com esse linguista antropólogo “[...] ordem indexical é o conceito necessário para nos mostrar como relacionar o microsocial às estruturas macrossociais de análise de todo fenômeno sociolinguístico” (SILVERSTEIN, 2003, p.193)⁷. Esta categoria acrescenta a ideia de indexicalidade à dimensão da ligação entre microcontextos e macrocontextos, no que se refere à análise das nossas práticas sociocomunicativas.

Quando falamos que o uso linguístico é indexical estamos afirmando que não são apenas os elementos dêiticos que indiciam (indexicalizam/ "apontam para") os contextos aos quais se referem, mas que *todo uso linguístico é indexical*, no sentido de que nossos usos linguísticos trazem sempre as marcas dos contextos para os quais apontam. O valor indexical das palavras tem a ver, então, com a forma como indexamos significados através da linguagem em jogos de linguagem, tem a ver com o modo como ordenamos social e culturalmente nossas atividades discursivas no mundo e com as escolhas linguísticas que realizamos em determinadas situações comunicativas.

Signorini (2008, p.137) ecoando Peirce nos diz que “uma forma linguística é indexical quando há uma relação de contiguidade com seu objeto [...], ou seja, o indexical e o que ele indexa estão ‘de alguma forma co-presentes no contexto de fala’”. Conceber a propriedade indexical em nossas práticas linguísticas é atentar para a tese de que textos e contextos estão sempre em movimento, em fluxo e, sendo assim, não há como sustentar a ideia, muito difundida no senso comum, de que “há um contexto por trás das palavras”, pois textos e seus contextos viajam no tempo/espço (BLOMMAERT, 2010).

Neste artigo analisamos a trajetória textual dos atos de fala relacionados às experiências de sofrimento e martírio no interior do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Ceará, especificamente, analisamos como uma militante deste movimento social entextualiza e recontextualiza discursos em seu discurso materializado em uma entrevista realizada em novembro de 2015. Portanto, realizamos a análise partindo da concepção de linguagem adotada pela Pragmática cultural e das categorias indexicalidade, uso metapragmático da língua, trajetória de texto, entextualização e recontextualização.

Partindo do que já dissemos anteriormente, se textos e contextos estão sempre em trânsito, como analisar este fenômeno? É aqui que entram as categorias de entextualização, recontextualização e uso metapragmático postuladas por Richard Bauman e Charles Briggs (1990), bem como a categoria de trajetórias de texto (BLOMMAERT, 2008). Estes autores, através de

⁷ Nossa tradução para “‘indexical order’ is the concept necessary to showing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of analysis of any sociolinguistic phenomenon (SILVERSTEIN, 2003, p.193).

evidências etnográficas, têm investigado os modos de transformação do discurso (materializado em textos), para entender a mobilidade de textos e contextos culturalmente situados.

A ideia central é a de que um texto/discurso ao ser descontextualizado (deslocado do seu contexto inicial), entextualizado (viajar por entre contextos) e recontextualizado em outra situação comunicativa se transforma em outro texto, apesar de carregar consigo as propriedades indexicais do contexto inaugural.

Retomando Austin e Wittgenstein, se dizer é fazer, e se esse fazer se materializa sempre em atos, em performances, podemos dizer que uma “dada performance está ligada a vários eventos de fala que a procedem e sucedem (performances passadas, leituras de textos, negociações, ensaios, fofoca, relatos, críticas, desafios, performances subsequentes, e similares)” (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 188). Estes eventos mencionados pelos autores materializam trajetórias de um ato de fala em sua cadeia de várias entextualizações e sucessivas recontextualizações. Entextualizar discursos é, então,

o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso consigo. Fundamental para o processo de entextualização é a capacidade reflexiva do discurso, capacidade que este compartilha com todos sistemas de significação, de virar-se ou dobrar-se sobre si mesmo, de tornar-se um objeto de si mesmo, de referir-se a si mesmo. (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p.206, grifo nosso).

Silva (2014, p.68) afirma que a entextualização captura “os sentidos da relativa autonomia das unidades linguísticas de se tornarem textos, no trânsito de um contexto a outro”. O processo de entextualizar está relacionado as trajetórias de textos, discursos, imagens, corpos, identidades; à viagem deles no tempo/espaço (BLOMMAERT, 2010).

Para entendermos, por exemplo, o enunciado “Lutar, construir reforma agrária popular!” precisamos compreender primeiramente as performances passadas e presentes, etc, que este enunciado ecoa (e é neste momento que a indexicalidade atua), em última instância, teríamos que averiguar o lugar desse enunciado na longa cadeia de múltiplas recontextualizações a que toda performance está sujeita. Vale ressaltar que o ato de recontextualizarmos discursos é orientado por uma metapragmática (AGHA, 2007; SILVERSTEIN, 2003; SIGNORINI, 2008), isto é, por crenças e por percepções que modelam o nosso agir linguisticamente.

Após esta explicitação, passemos agora a entender como o MST entextualiza e recontextualiza atos de fala de dor no contexto da luta por uma reforma agrária popular, promovendo – o que estamos nomeando aqui de – uma ressignificação da dor.

3 A PRAGMÁTICA DA DOR NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: OS SENTIDOS DO SOFRIMENTO COMO RESISTÊNCIA

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra surge em 1984 como um aglutinador de várias lutas pela terra que o antecederam, entre elas podemos elencar, a histórica luta de índios e quilombolas pela terra, as ligas camponesas, a luta do Arraial de Canudos entre outras e completou, neste ano de 2017, 33 anos de existência, organizando os/as trabalhadores/as do campo e da cidade que lutam por terra, reforma agrária e por mudanças sociais no Brasil.

Para Caldart (2004), o MST nasceu da articulação das lutas por terra retomadas a partir do final da década de 1970, em praticamente todo o país, especialmente na região Centro-Sul. Tais lutas foram ganhando corpo em todo território nacional até a consolidação e articulação dos/as sem-terra a nível nacional. Nesse processo de articulação, foi muito significativa a participação de parte da Igreja Católica e das pastorais rurais, através da Comissão Pastoral da Terra (CPT)⁸, e da Igreja Luterana, no sentido de contribuir para a sensibilização dos camponeses sobre a necessidade de se organizarem para que, assim, pudessem lutar pelos seus direitos à terra.

O MST é "um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores e trabalhadoras rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil" (MST-CE, 2009, p.8). Por Movimento Social entendemos "[...] um conjunto de ações coletivas de indivíduos, dirigidas tanto à reivindicação de melhores condições de trabalho e vida, portanto de caráter reivindicatório e contestatório, quanto à transformação da sociedade" (SIQUEIRA, 2006, p.15)⁹.

O movimento atua hoje em 23 estados e no Distrito Federal, organizando mais de 1,5 milhão de camponeses/as e ainda 100 mil famílias acampadas, nas beiras de estrada por todo o país, lutando

⁸ "Organismo pastoral da Igreja Católica, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A CPT foi organizada em 1975, em Goiânia (GO), durante um encontro de bispos e agentes de pastoral, a partir de reflexões sobre a crescente onda de conflitos de terra que ocorriam nas regiões Norte e Centro-Oeste do País [...] Embora iniciada no Norte e no Centro-Oeste, estendeu suas atividades para quase todos os estados do Brasil. Atua em todas as dioceses em que há problemas de terra" (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p.19).

⁹ Gohn (2008) observa que não existe uma definição única e globalizante do que seja um Movimento Social. Mas, no que se refere ao MST como Movimento Social camponês, observamos que a definição de Siqueira (2006) se adequa à especificidade do referido movimento.

pelo seu “pedaço de chão”. Em seus assentamentos têm mais de 800 cooperativas e mais de 1.900 associações, onde os/as assentados/as trabalham de forma coletiva na produção de alimentos como arroz, feijão, milho, leite, queijo, frutas, legumes e verduras. “Nessas unidades gera empregos, renda e impostos, beneficiando indiretamente cerca de 700 pequenos municípios no interior do país” (MORISSAWA, 2001, p.167). No Ceará, o MST completou 28 anos neste ano de 2017 e está organizado em 70 municípios, contando com 26 mil famílias assentadas entre assentamentos federais e estaduais.

Este movimento campesino promove, através de seus militantes, uma série de atividades ritualísticas que têm como um de seus objetivos o de sempre estar alimentando, no Sem Terra, a vontade interminável de lutar. Os dirigentes do MST durante esses 33 anos de movimento foram entendendo que a unidade ideológica e a visão política de um movimento social é construída, em grande medida, através do “uso de símbolos, que vão costurando a identidade” (STÉDILE, 1999, p.32).

Vários são os símbolos usados pelo MST; desde a bandeira, o hino, as canções e os poemas sobre reforma agrária, o ato de lembrar os mártires (militantes que lutaram pela terra e deixaram todo um legado de luta) nas lutas sociais, até a consolidação destas práticas linguístico-culturais nas performances executadas nas místicas.

O termo mística é significado no MST como um tipo de ritual que os/as Sem Terra realizam com o intuito de fortalecer a luta pela terra e pela transformação social. A mística cultivada no MST se configura, portanto, em um ato político-cultural desenvolvido por meio de diversos rituais através dos quais os/as trabalhadores/as rurais materializam as realidades vividas no contexto da luta pela terra, por meio da poesia, da música, do hino e da bandeira do MST, da mímica, da pintura, da arte em geral. Ela encontra no teatro a sua principal forma de manifestação entre os/as Sem Terra do MST e está atrelada também aos valores/princípios (solidariedade, companheirismo, indignação, união, disciplina, ternura, coerência etc.) propostos pelo MST no anseio da construção da sociedade socialista¹⁰.

Para um dos intelectuais do MST, Ademar Bogo (2003, p.328), a finalidade da mística é “[...] sustentar o projeto político da classe trabalhadora [...] No fundo, o objetivo é manter a força, o ânimo, a esperança, mesmo que em determinados momentos tudo pareça acabado”. Lucíola Maia (2008), ao realizar uma pesquisa que tratou da mística dos Sem Terra do MST-CE como “um processo educativo”, nos diz que:

¹⁰ Para o MST uma sociedade socialista tem por base uma sociedade sem exploradores; uma sociedade em que a riqueza nacional seja equitativamente dividida.

A mística é como o sangue que corre, é o alimento, é o ânimo, é a música, a poesia, a bandeira do MST, é o hino, são os objetos usados nas lutas. A mística é a vida presente em cada ato político, em cada assentamento organizado pelo MST, em toda sala de aula. É um elemento da luta que encoraja a continuar lutando contra o latifúndio. (MAIA, 2008, p.112).

Como percebemos, o ritual da mística no MST não se reduz a uma mera apresentação teatral. Para Caldart (2004), o “MST trata da mística como sendo o *tempero da luta* ou a *paixão que anima os militantes*” (p. 208, grifo da autora). Continua a autora, “[...] sua lógica de significação não se expressa tanto em palavras, mas muito mais em gestos, em símbolos, em emoções”¹¹. Esta mística de lutar resistindo se materializa nos atos de fala da militante Deusália Afonso (MST-CE) que entextualiza, isto é, faz discursos viajarem e os recontextualiza em sua narrativa de maneira a demonstrar uma semântica da resistência, ou melhor, uma pragmática da dor no MST através de recontextualizações de resistência.

4 RECONTEXTUALIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA

Em sua extensa jornada de luta no MST “de 1990 até [...] 2015, que não é pouco não, é muito tempo”¹², Deusália assumiu vários cargos no MST, atuando na coordenação nacional, na direção nacional, na coordenação estadual, na presidência da Associação de assentados no assentamento onde morou. Enfim, como uma das fundadoras do MST no Ceará, ela tem toda uma vida dedicada a luta pela reforma agrária. Aqui retomamos o conceito de metapragmática para mostrar que há uma metapragmática da resistência que orienta a pragmática da dor constituída no interior do MST.

Nos discursos entextualizados por Deusália percebemos de maneira mais intensa aquilo que ela chamou de “mística da resistência” no MST. Vejamos os excertos

Excerto 1

O que mais me faz *ser essa militante ativa*, é que a *burguesia* ela é muito forte, mas a gente tem uma arma muito mais poderosa sobre ela e que ninguém consegue compreender [...] *cada companheiro que tomba é uma bandeira fincada, é uma terra conquistada* e cada sangue derramado é uma semente plantada pra *nova militância* é por isso que o *MST vem resistindo tanto*.

Primeiramente, podemos dizer que Deusália entextualiza em seu discurso a identidade de trabalhadora militante. Tanto por conta do uso da expressão “ser militante ativa” quanto pelo emprego do signo “burguesia” que, nas interações verbais que perpassam o discurso do MST, está

¹¹ *Id.*

¹² Entrevista realizada no município de Quixadá-Ceará, em novembro de 2015.

sempre em relação de oposição com o signo “classe trabalhadora”, contribuindo para indexicalização da identidade *Sem-terra* militante para esse corpo feminino. Em segundo lugar, é possível perceber que Deusália entextualiza, em sua narrativa, o ato de fala “em homenagem a cada vida ceifada é uma bandeira hasteada num pedaço de chão” que constitui a música “Aos 15 anos do MST-CE”, composta em 2004, quando o MST completou 15 anos de existência no Ceará e o recontextualiza como “cada companheiro que tomba é uma bandeira fincada, é uma terra conquistada”.

Nossa entrevistada descontextualizou um trecho da música mencionada, deslocou um fragmento de texto de um contexto, fazendo-o viajar e o recontextualizou na narrativa que nos forneceu. É claro que nesta viagem, segundo a propriedade indexical da linguagem, os sentidos não se descolam do seu contexto de uso inicial, o que significa que ao (recon)textualizar o referido ato de fala, nossa entrevistada indexicaliza sentidos que materializam uma metapragmática de resistência, na medida em que ela aciona sentidos que circulam em uma ordem indexical, que significa o sentido de “perca de um companheiro”, não como algo semelhante a “pena” por conta de sua morte em luta, mas como um sentido de “esperança”, esperança que motiva indignação, que, por sua vez, instala uma esperança na luta pela terra/vida.

Na sequência, os excertos 2, 3 e 4 demonstram uma relação entre a metapragmática de resistência e a formação da identidade militante no MST.

Excerto 2

É essa *mística [da resistência] que faz com que você se levante na maior das dores, que faz com que você caminhe um passo, você caminhe dois mil, que faz com que você conquistou ali três assentamento, você conquiste mais. Que fez a gente transformar várias vidas. Entende? Hoje somos pobres ainda, mas com muita dignidade. Com a mesa farta, e isso é importante. A pobreza continua, mais a gente tem dignidade.*

Excerto 3

Então, essa *mística*, essa força estranha, esse mistério que envolve a gente que tá dentro [...], *isso é a mística que anima as nossas vida, que anima os nossos espaços que nos joga pra frente, que chorando ter que jogar pá de terra no caixão do companheiro*, mas a cada pá jogada dizendo assim: companheiro, é em teu nome, pela tua luta, pelo teu sangue derramado que nós vamos fincar mais uma bandeira em cada latifúndio. É isso! *Fazer da dor uma ferramenta de luta*, fazer do choro um grito de guerra, um grito de indignação.

Excerto 4

As jornadas socialistas [...] foram criadas justamente pra fazer esse momento de homenagear aos companheiros que se foram. E aí, por exemplo, outubro, *outubro a gente homenageia quem? Che Guevara, a nível nacional, porque ele foi o símbolo da juventude.* Aí faz a semana Che nos assentamentos. Faz aquela noite cultural; *aí vai lá pro Marighella*, mas também a gente homenageia os nossos militantes.

No exceto 2, a “mística da resistência” é melhor desenvolvida por nossa entrevistada e isso é realizado a partir da entextualização do ato de fala: “Sou *Sem-terra* e tenho dignidade”. Esta afirmação procede à medida que 6 anos antes de realizar essa entrevista com Deusália, conversamos com outra militante do MST (Lourdes Vicente), e quando perguntamos o que era para ela ser *Sem-terra*, ela respondeu: “Pra mim, ser *Sem-terra* é fundamentalmente ter dignidade”.

Não só nessa ocasião, mas em vários outros momentos, em vários jogos de linguagem constituintes das práticas sociais do MST, nós percebemos a reivindicação política de uma identidade (RAJAGOPALAN, 2003) que tensiona a significação atribuída ao termo *sem-terra* como “pobre coitado”, “vagabundo”, “aquele/a que passa fome” etc. Deusália, portanto, entextualiza o ato de fala mencionado e o recontextualiza, em 2015 (ano da entrevista), em seu discurso, de forma que o efeito perlocucionário seja outro: “somos pobres *ainda*, mas com muita dignidade, com mesa farta, e isso é importante”. Note como o marcador dêitico temporal “ainda” atua como um índice que indexa a transição de ser *sem-terra* sem dignidade e ser *Sem-terra* pobre, mas com dignidade.

Por seu turno, os excetos 3 e 4 entextualizam os discursos de resistência que circulam no MST, discursos em que a dor e o sofrimento vivenciados, no contexto da luta pela terra no Ceará e no Brasil, são recontextualizados em jogos de linguagem como a mística ou as jornadas socialistas, de maneira que o conflito, a dor, a morte na luta pela terra, produzem uma espécie de sensibilidade que alimenta o ato de se indignar.

O ato de fala “fazer da dor uma ferramenta de luta, fazer do choro um grito de guerra”, mobilizado por Deusália, situa as performances corpóreo-discursivas de militantes *Sem-terra*, como nossa entrevistada, em uma ordenação indexical orientada por essa metapragmática da resistência que tenho apresentado durante essa análise. Isso pode ser percebido de maneira mais nítida quando Deusália narra o sentido das Jornadas Socialistas no MST:

é aquele momento de especialidade onde nós vamos homenagear lideranças, onde nós vamos homenagear histórias, Nicarágua, Eldorados dos Carajás, onde nós vamos fazer homenagem a alguém, a alguém que contribuiu ativamente com sua vida e também contribuiu com o seu sangue né. Por que contribuiu com a vida, mas seu sangue foi derramado e aquele sangue derramado tem o adubo pra que novas sementes pudessem ser plantada e hoje fosse gerada uma grande militância.

Visibilizar essa dor como agência ou essa metapragmática de resistência que guia uma pragmática da dor no MST é, a nosso ver, visibilizar a resistência campesina, através de uma outra percepção de agência. Uma agência que surge da dor; a **dor** (no MST) não é mera causa da ação, mas também **um tipo de ação** (Cf ALENCAR, 2015a, p.84). Este é o argumento central de Asad (2000, p.31), para quem a dor tem uma função na agência social.

Partindo dessa concepção de dor, podemos dizer que a gramática da dor como agência que se materializada nos jogos de linguagem da mística, da Jornada Socialista etc., configura outro uso da linguagem. Um uso que recontextualiza essa experiência de dor e contribui para a produção de outro espaço de ação, outra gramática. Essa ação, por parte dos militantes do MST, conduz então a

uma gramática descolonizadora na medida em que ela promove o reconhecimento da dor moral (HONNET, 2003), que sofrem os oprimidos e assim constitui um sentido para a solidariedade, que se estabelece como um pensamento de fronteira, para dismantelar hierarquias étnicas, sexuais, geográficas, linguísticas, socioeconômicas na luta por libertação contra o “sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal” (GROSGUÉL, 2009). (ALENCAR, 2015a, p.75).

O sofrimento, a dor física ou mental, e a humilhação não são vividos de forma passiva no MST, mas motivam os militantes *Sem-terra* para a ação, constituindo-se em uma forma de agência. Quando, por exemplo, Deusália em sua performance diz “O Eldorado dos Carajás serviu pra nós [...] assim um caminho de esperança e de indignação contra a burguesia”, ela está entextualizando esses sentidos de resistência aprendidos durante todo o seu período de formação como militante *Sem-terra*.

Suas performances, portanto, corporificam as lutas, as vitórias, mas também, a dor, o sofrimento por conta do sangue derramado, a indignação por ter muitos militantes com suas vidas “ceifadas”, e esse sentimento de se indignar impulsiona ainda mais a luta dos militantes.

Essa forma de significar as experiências de luta vividas pelos e pelas militantes do MST pode ser entendida como aquilo que Freire (1992) nomeou de uma "pedagogia da esperança", pois os sujeitos que compõem o MST elaboram através da prática da mística, da homenagem aos mártires, do cantar o hino do MST etc., uma pedagogia popular libertadora que conscientiza e politiza através destas práticas linguístico-culturais. É uma pedagogia da esperança por proporcionar aos/às oprimidos/as "o desenvolvimento de sua linguagem [...] que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfila as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo" (FREIRE, 1992, p.20), do mundo que ainda virá ou que tem sido antecipado nas místicas dos Sem Terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descontextualizações, entextualizações e recontextualizações realizadas por nossa entrevistada atestam a propriedade indexical da linguagem à medida que demonstraram que todo

uso linguístico é indexical, de modo que ao empregar uma palavra em um jogo de linguagem, não apagaremos os outros usos (recontextualizações), os outros indícios contextuais dessa palavra.

Os resultados dos dados analisados apontam também para uma das contribuições dessa investigação para o campo dos Estudos Críticos da linguagem, que é a de contribuir para a construção de perspectivas de análise linguística “que permitam reconstruir o movimento dos enunciados e a indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003; HANKS, 1996) que os vincula a contextos (e retroativamente constrói esses mesmos contextos)” (SILVA, 2015, p.336). Ainda nesse sentido, focalizar processos de entextualização e recontextualização dos atos de fala pode ser uma opção para sairmos do enfoque (nas análises linguísticas) da materialidade linguística como produto e passarmos a concebê-la como processo e, desse modo, passarmos a ver a linguagem mais como modos de ação do que como representação de ações (Cf. ALENCAR, 2014, p.83-84).

Recebido em: agosto de 2017
Aprovado em: setembro de 2017
marcoamando@yahoo.com.br
claunoce@gmail.com

REFERENCIAS

AGHA, Assif. *Language and social relations*. New York: Cambridge University Press, 2007.

ALENCAR, Claudiana. *Por uma Pragmática cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano*. Projeto de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

_____. Na periferia dos estudos da linguagem: práticas culturais discursivas do Movimento Sem Terra. *Revista Passagens*, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v.6., n.1, p.72-92, 2015a.

_____. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. *Discurso: sentidos e ação*, São Paulo, Universidade de Franca, v.10, p.141-162, 2015b. Disponível em: <<http://www.unifran.edu.br/wp-content/uploads/2016/09/vers%C3%A3o-online-Cole%C3%A7%C3%A3o-Mestrado-em-Lingu%C3%ADstica-Vol.-10.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

_____. Pragmática Cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. In: SILVA, D.; ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.p.78-100.

ALMEIDA, Fábio. *Uma docente em prova de seleção: entextualizações de performances corpóreo-discursivas*. 2014. 255f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ASAD, Talal. Agency and pain: an exploration. *Culture and religion*, New York, n.1, p.29-60, 2000.

AUSTIN, John. *How to Do Things with Words*. Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

_____. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução de Vânia Z. Cardoso. *ILHA*, Revista de Antropologia, p.185-229, 1990.

_____. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, v.19,p.59-88, 1990.

BLOMMAERT, Jan. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Situar a lingua[gem]*. São Paulo: Parábola, 2008. p.91-115.

_____. *A sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BOGO, Ademar. *Arquitetos dos sonhos*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BONFIM, Marco Antonio. *Queres saber como fazer identidades com palavras? Uma análise em Pragmática cultural da construção performativa do Sem Terra assentado no MST-CE*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/PosLA. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

_____. *Pragmática dos corpos militantes no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Ceará*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 1997.

FABRÍCIO, Branca. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: MOITA LOPES, L (Org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p.144-168.

_____. Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. In: SILVA, D.; ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.p.145-189.

FERREIRA, Ruberval. *Guerra na língua: mídia, poder e terrorismo*. Fortaleza: EdUECE, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 7.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GLOCK, H.J. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HANKS, William. O que é contexto? In: HANKS, W. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008. p.169-203.

MAIA, Lucíola. *Mística, educação e resistência no Movimento dos Sem-Terra – MST*. Fortaleza: UFC, 2008.

MARCONDES, Danilo. Apresentação: a Filosofia da Linguagem de J. L. Austin. In: AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MELO, Glenda Cristina; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. *Linguagem em (Dis)curso*– LemD, Tubarão, SC, v.14, n.3, p.653-673, set./dez., 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.

MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA (MST). *Caderno de Formação MST-CE, N° 01: história do MST (1984-2009)*. Fortaleza: Secretaria Estadual do MST-CE, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2006.

OTTONI, Paulo. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: UNICAMP, 1998.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*, São Paulo, v.23, n.1, p.1-26, 2007.

_____. De diferenças e hierarquias no quadro *Adelaide* às análises situadas e críticas na Linguística Aplicada. *DELTA*, São Paulo, v.31, p.199-221, 2015.

_____. Pragmática. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6.ed. v.2. São Paulo: Cortez, 2009. p.47-68.

_____. AMARAL, D. Corpos em trânsito e trajetórias textuais. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v.40, p.151-164, 2016.

POVINELLI, Elizabeth. Pragmáticas íntimas: linguagem, subjetividades e gênero. Tradução de Joana Plaza Pinto. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.24, n.1, p.205-237, 2016.

RAJAGOPALAN, K. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

SIGNORINI, Inês. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: _____(Org.). *Situar a língua[gem]*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Política, língua portuguesa e globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.p.74-100.

SILVA, D.; ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, D. 'A propósito de Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. *DELTA*, São Paulo, v.31, p.349-376, 2015.

_____. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v.14,n.1, p.67-84, 2014.

SILVERSTEIN, Michel. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, v.23, n.3 e 4, p. 193-229, jul.-out., 2003.

SIQUEIRA, Sandra Maria. *Matrizes Históricas dos Movimentos Sociais: Entre a Cidadania nos limites do Capital e a busca pela Emancipação Humana*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo. *Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruini. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).